

Portuguezes é chegado  
 O dia da redempção;  
 Caem do pulso as algemas,  
 Ressurge livre a nação!

(*Hymno da Restauração*)

Depois d'este rapto de um lyrismo épico, os homens emudecem e só os trombones fallam.  
 Trombones roncal, roncal, deixai passar as eras!



Faz agora um anno, por este tempo, no começo d'este mez tão glorioso para nós portuguezes, que ousámos levantar o nosso riso, perante as exhibições patrioticas das sociedades sonoras da nossa terra, que vivem na propaganda do

amôr da patria, como antigas vestaes entretendo este fogo sagrado no torrão natal: não ordemmando o material combustivel na pyra fumegante, mas fazendo ecoar aos nossos ouvidos de meridionaes esquecidos, a data memoravel da independencia da patria, pela voz do trombone e do figle, arranhando nas panças das violas, em sol e dô plangente, o hymno inspirado da liberdade!

Faz hõje um anno! E, um collega nosso por esse tempo, cheio d'aquelle santo amor que inspira os grandes feitos, d'aquelle dedicação heroica que leva aos campos da batalha ou á meza do orçamento, á morte gloriosa ou á vida regalada, censurou que viessemos fazer publicamente o com: entario piccaresco, que é d'uso e proprio fazer-se á meza dos cafes!

E, muito nos doeu ter magoados corações tão amantes da patria, espiritos tão finamente temperados para as dedicações sublimas, se bem que houvessemos com esse facto entrado no conhecimento de que havia d'esses espiritos por cá, o que francamente nem suspeitavamos, sequer!

Todavia, diga-se a verdade, os argumentos do nosso collega não nos convenceram e não conseguiram portanto fazer-nos respeitar essas manifestações a que de novo encontramos este anno uma deficiência da respeitabilidade ou de grandeza, ou de seriedade, que nos obrigasse a tirar o chapéu aos vivos, ou a dobrar o joelho deante do obelisco da Avenida, a petrea affirmação da nossa gloria! Mas se o anno passado riamos, este anno, ainda que nos sobre a vontade de o fazer de novo, temos de nos calar respeitavelmente perante a desconfiança que lava entre nós, desconfiança de traição á patria de que se não livrará o melhor intencionado, desconfiança nascida de dois factos correlativos, — a transformação politica do Brazil e a carta do sr. Magalhães Lima ao sr. D. Anton de Madrid.

El-rei D. Carlos (o que nunca tinhamos suspeitado) tem amigos de primeira ordem entre os jornalistas e o patriotismo portuguez por parte d'estes mesmos amigos de Peniche é de se lhe tirar o chapéu!



Cada um entende o patriotismo a seu modo e não admira que haja quem supponha que esta virtude se exemplifica em uma serie de palavões, bombasticos e chõchos, adredes a deslunbrar paeovios e a convencer politicos submissos de botica sertaneja. Ora é perante estes patriotas que appareceu com todas as côres d'um conspirador embuçado o doctor e louro Magalhães Lima!



Considerar e ver este bello rapaz como traidõr á patria,—conhecendo-lhe o feitio, o character, o temperamento, o platonismo das suas opiniões, como o lyrismo das suas cartas, cartas em que se espelha toda a sinceridade da sua alma generosa de rapaz, todo o louro espiga do seu bigode indomado,—e porque elle escreveu uma carta de amores a D. Anton sobre coisas da politica, mettel-o na craveira dos Vasconcellos de tetriza memoria, se não fosse um acto d'um supremo ridiculo, d'uma puerilidade artificiosa que faz rir as pedras, era decerto a revelação de uma myopia tão palpitante que envergonharia um analfabeto!

Querer fazer d'isto uma questão politica da mais alta gravidade, mostrar desconhecer a historia, a physiologia da peninsula, todas as condições de vida das duas nacionalidades, n'este momento, é passar o diploma da mais alta estupidez a um povo que tem o arrojo de comprar o jornal e a temeridade de o ler!

E é isto a politica portugueza que faz d'uma ninharia uma questão de lesa-patria e das graves questões, vitas, do paiz, maravilhas ridiculas, simples casos para espalhar ocios e justificar decomposturas de viella e insultos de tavolagem réles!

E, receioso de que o meu graccio me levasse á historia futura com o «stigma de traidor, ia a calar-me, a esquecer os figles e o obelisco, a «primciro, de dezembro» e o drama de Miguel Osorio, o foguete e o hymno, quando senti vibrar todas as cordas da alma, feridas dolorosamente pela lembrança do isolamento em que se deve encontrar no tablado da força, Magalhães o loiro — o traidõr!

E, como me liga uma sympathia forte ao dito traidõr e como sou bem mais traidõr do que elle, quero denunciar-me, eu! e mostrar bem alto o documento mais grave que o tribunal da patria tem para me julgar e para me fazer subir com elle os degraus do patibulo!

Eil-o o documento! empolgue-o a historia, que pois eu fui...

(Estou a banhar o rosto em lagrimas ardentes).

## A D. Pepa Dolores de la Concepcion Arica Isláu e Galáu

.....  
 Eu queria fazer a Iberia  
 Para ter um reino immenso  
 Que te off'cesse, suspenso  
 No teu olhar, minha Imperia!

Dar-te-hia Lisboa a bella  
 E Madrid a luxuosa;  
 Dar-te-hia a serra da Estrella  
 E a cathedral orgulhosa  
 De Burgos! e Mirandella  
 E Paio Pires florente  
 E Cádiz todo acciada,  
 Alhambra, Sevilla, Ajmada,  
 E Barcelona e mais tudo  
 Que quizesse bom ou mau,  
 Do cabo de S. Vicente  
 Aos zimbórios de Bilbáu!

Dar-te-hia o rei, os ministros:  
 Marianno o economista.



Navarro do «Novidades»,  
 O Patriarcha, um sachrista  
 Era só pedir por lista  
 Os homens, as raridades!  
 Cada beijo — um jornalista,  
 Cada abraço — um deputado;  
 A quinta da Boa Vista,  
 E um chalet azulejado ...

.....  
 A Iberia em pezo e dir-te-hia  
 No mais alto pirineu,  
 Como o diabo a Jesus:  
 O' Pepa te me adorares  
 Dou-te tudo! é tudo teu!!

Creio que bastará para a pronuncia e eu espero da justiça que seja implacavel para mim que quero ter duas patrias, como para o carteiro Marcellino Chaves que quiz duas mulheres!

E agora, Magalhães Lima, até ao patibulo! e coragem que a Europa nos contempla!

M. M.



Distribue-se profusamente pelo paiz um folhetosinho com ares de cathecismo, onde se aponta ao pelourinho da opinião publica um ex-ministro d'Estado, que, segundo a linguagem do dito opusculo, foi «denunciado como supposto ladrão em pleno parlamento.»

Se o homem é ou não larapio, não o podemos affirmar, porque nunca o apanhámos no momento psychologico de atafalhar as mãos nas arcas do thesouro para extrahir aquillo com que se compram os melões...

O mais engraçado do folheto é o seu auctor citar-se a si mesmo como poeta, pondo como epigraphe á sua desconchavada prosa este delicioso distico:

«Era lei de ministro portuguez  
 Subir remediado descer em nudez.»

Havia de ter graça o sr. D. Carlos escorraçar do poder o sr. Beirão, o sr. Barros Gomes e outros meninos tal como suas respectivas mães os deitaram a este mundo.

O caso de um sujeito citar-se a si mesmo faz lembrar aquelle professor da Escola do Exercito, que depois de expôr uma opinião sua sobre certo ponto de fortificação dizia muito ancho parâ os seus alumnos:

—Eu, concordando plenamente com esta minha opinião...

Diz um jornal:

Parece que volta novamente a ser facultativo aos empregados do Estado, o desconto mensal do imposto de renda de casas nas folhas dos seus vencimentos.

Sabemos cousa melhor, se nos dão licença.

O Estado vai fornecer d'ora ávante, sal, vinagre, azeite, batatas, cigarros, meias, calças, chapéus, etc., aos empregados publicos, descontando-lhes o debito, com juros, nos vencimentos mensaes.

O Estado, n'este paiz, é tudo, mesmo ama de leite, se o quizerem!



## FORMAS DE GOVERNO



União Iberica



Systema representativo

«A belleza de V. Ex.<sup>a</sup> tem todos os votos de minha alma...»



Absolutismo



Comunalismo

## FORMAS DE GOVERNO



Despotismo



Governo conservador



Liberdade, equaldade e fraternidade



N'uma das principaes ruas de Lisboa, vê-se em certo primeiro andar uma taboleta com as seguintes palavras em letra graúda e espalhafutosa: «Monge cabelleireiro» — e em letra miudinha: «Penteiam-se senhoras».

Extraordinario! Que os monges eram geralmente uns grandes maraus sabia nos nós; ignoravamos, porém, que levassem o arrojo até ao ponto de trocar o habito religioso pelo habito mundano de alisar, de perfumar, as tranças ás filhas de Eva; e que de tal fizessem um tão di vino officio, mandando ao demonio os officios divinos.

Aqui está um caso em que não nos repugnaría ser monge...



**S. Carlos.**—Até que enfim se operou o *milagre* de termos uma noite de festa no nosso theatro lyrico! Devemos esse *milagre* á illustre e gentil prima-donna Eva Tettrazzini, com a sua esplendida interpretação da parte de *Desdemona*, no *Othello* de Verdi.

E realmente não se pôde contornar com mais primores e delicadezas um personagem, não se pode imprimir um colorido mais expressivo ao canto, como a talentosa cantora Eva Tettrazzini no papel de *Desdemona*, que mui particularmente se harmonisa com o seu bello temperamento artistico.

A platéa de S. Carlos, ávida de vêr e ouvir alguma coisa de bom, dispensou á illustre prima-donna os mais espontaneos e entusiasticos applausos, que só pôdem alcançar os talentos privilegiados.

A *premiere* do *Othello* ficou assignalada como uma esplendida noite de enthusiasmos sinceros no theatro de S. Carlos, que até então parecia já condemnado a servir apenas de utilidade... a quem soffresse de insomnias.



Em S. Paulo, provincia do Brasil, houve um marido que conseguiu vender a mulher por um conto e quinhentos mil réis (fracos) a pretexto de se vêr livre d'ella.

No nosso paiz, se algum suspeitasse de que um marido queria impingir a esposa, para ficar livre de trambolhos, ninguem lhe dava dez réis por ella.

Diferença de costumes!



Uma loja de Lisboa, muito notavel pelos seus *bibelots*, anuncia n'um jornal «uma variedade infinita de corôa para tumulos».

Efectivamente, tratando-se de viagens ao infinito, a esse paiz d'onde ainda ninguem conseguiu voltar, é justo que haja bastante por onde escolher, porque o negocio de que se trata não o requer menos.

**D. Maria.**—Ha dias, estreiou-se como actor no theatro de D. Maria II o sr. Fernando Maia.

Antes do levantar do panno, inquirimos os antecedentes do neophyto. O que era aquelle sr. Fernando Maia, no momento em que lhe atravessou o espirito a ideia de adquirir um logar nas fileiras em que figuram Rossi e Salazar, Sarah Bernhardt e Virginia Farruscà?

Sim, porque os consequentes pedem os antecedentes, ou o amigo Banana não fosse a personificação do axioma.

N'estes ultimos annos, a paixão pelo theatro tem des-norteado muito cerebro bem constituido. E é uma dôr d'alma vêr por ahí dezenas de bons marçanos, de bellos alfayates, de magníficos sapateiros tornarem lacrimosos de saudade o metro, o giz ou o cerol, abandonando-os por uma folhinha da corôa do Talma para o refogado das suas ambicionadas glorias theatraes.

Resultado: o Commercio, a Industria... e os freguezes perdem optimos servidores, e a Arte e a Critica ficam-se eternamente a chuchar no dedo, á espera de que os noveis e esperançosos passem da cepa torata.

Informaram-nos. Nem marçano, nem alfayate, nem sapateiro. O sr. Fernando Maia era simplesmente um curioso dramatico; havia muito que se dedicava á Arte, em theatrinhos academicos e particulares. Mais nós disseram, em guisa de justificação:

—E quem nunca foi, ou pelo menos desejou ser, curioso dramatico... que lhe atire a primeira batata!

Curvâmo-nos silenciosos perante o argumento; que para uma pessoa ficar atordoada não conhecemos coisa superior ao trombone d'um bom argumento, ou á coga-rega d'um mau crédor.

Ouvimos, vimos, mirámos, remirámos, em summa — démos tratos de polé ao sr. Fernando Maia, e concluimos que se elle não é um *homem chegado* (com venia ao *Correio da Manhã* e ao sr. Lopes de Mendonça) nunca será um homem fugido. Dos raes que deixam a Arte e a Critica eternamente a chuchar no dedo á espera de que os noveis e esperançosos passem da cepa torta? Não nos pareceu: é instruido, tem boa voz, boa physionomia, bom typo... Que demonio! Ha disposições e por isto o felicitamos sinceramente.

E a proposito de chuchar no dedo: Fernando Maia sabe decerto que a Maria Cachueha dormia sósinha e sem medo. A's vezes, as cachuchas tem carradas de razão.

E' terrivel uma pessoa agarrar-se a outra para caminhar em qualquer carreira. Aproveite-se das lições; não se imite, porém, o mestre, que para isto não faltam os Trindades e os Lamas, muito boas pessoas nas suas casas, mas que nas fileiras da Arte nos fazem lembrar a theoria de Darwin acerca da ascendencia da Humanidade.



**Gymnasio.** — O beneficio que se relisará na noite de 9, no Gymnasio, reverte em favor d'um dos typos mais conhecidos de Lisboa — o *Machado do Gymnasio*, 83 annos honrados apesar das contrariedades porque tem passado.

Recommendamol-o aos nossos leitores e a nossa gratidão corresponderá ao interesse que temos em que esse sympathico e honrado velho tenha uma noite alegre.

**Rua dos Condes.** — Na *Doutora*, que actualmente se representa no theatro da Rua dos Condes, observa-se um phenomeno curiosissimo, d'onde os velhos e jovens criticos theatraes poderão tirar proveitosa lição:

Lucinda do Carmo está pouco á vontade na simples, pesada, magestosa *toilette* de velludo preto, e o publico sente-se gelado, triste, luctuoso. E' preciso muito talento para aquecer o espectador no desempenho d'uma personagem pudibunda e casta como aquella. Assim, quando cahe o panno sobre o primeiro acto, fica-se de orelha murcha, como desappointed: a peça escorrega para os abyamos do fiasco. Graças, porém, a Guilhermina de Macedo, no segundo acto o publico vai aquecendo ao contemplar tanta plasticidade... sem calças de talento e dispõe-se a ouvir, ou antes, a vêr attentamente... Por esta forma, a peça consegue salvar-se.

D'onde se pode tirar a racionalissima conclusão de que em arte theatral — ou muito talento, ou pernas sem talento...

E esta conclusão é tão justa, quanto é escandalosamente pessimo aquelle segundo acto onde a excentricidade dos auctores chega a tocar as raias da loucura. Nem forma, nem litteratura, nem espirito.

O resto do desempenho, de que apenas conseguem salvar-se Augusto de Mello e Costa, é desigual desequilibrado, deslocado como o *Trampolinini*.

Chalet do Rato, carissimos senhores, puro Chalet do Rato!

Depois de tudo aquillo, fica-se a scismar no destino que teria a fina *verve* do auctor da *Condessa Heloisa*. O sr. Pedroso de Lima, providencias! Roubaram-nos o nosso bom amigo Gervasio Lobato!

A *Doutora* é acompanhada por um *vaudeville* engraçadissimo, que Lucinda do Carmo e Costa desempenham lindamente.

O publico ri com sinceridade, gosta, sente que lhe limpam o espirito das negruras deixadas pela *Doutora*.

E o curioso é que quem opera tal prodigio são... Os *Carvoeiros*.



## BIBLIOGRAPHIA

### THEORIA DOS MUDOS

Com este titulo publicou o sr. dr. Oliveira Valle, um pamphleto dedicado aos eleitores do circulo 76.

Vamos lê-lo para d'elle fallarmos. Por hoje limitamo-nos a agradecer a amabilidade da offerta.



Aos srs. assignantes que tencio-narem mudar de residencia pede-se o favor de o participarem a esta administração, a fim de não soffrirem interrupção na remessa do jornal.

Acha-se já á venda o primeiro anno da *Comedia Portugueza*, encadernado em percalina, nas seguintes livrarias:

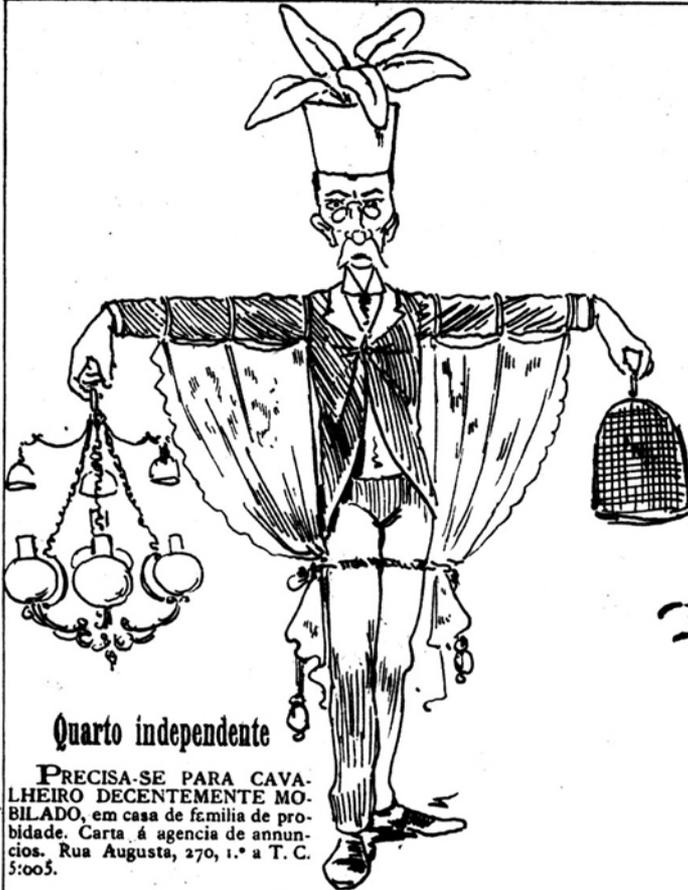
Bertrand, rua Garrett, 75.

Afra, rua do Ouro, 192.

Tavares Cardoso, largo do Carmo, 5 e 6.

Rodrigues, travessa de S. Nicolau, 118.

Wittar, rua do Ouro, 247.



Quarto independente

PRECISA-SE PARA CAVALEIRO DECENTEMENTE MOBILADO, em casa de familia de probidade. Carta á agencia de annuncios. Rua Augusta, 270, 1.ª a T. C. 5:005.



Rapaz

OFFERECE-SE com pratica de armazen de vinhos. Rua de Santo Antonio da Gloria, 10, 2.º



Sineiro

ESTÁ vaga a torre da Conceição Nova, quem pretender dirija-se á freguesia.



Cão

QUEM perdeu um cão, pagando as despesas, pode procurar na rua de Fernando Thomas, 31.

# Os Cinco Sentidos

## Ver

São bellas—bem o sei, essas estrellas;  
Mitt côres—divinaes teem essas flores;  
Mas eu não tenho, amor, olhos para ellas:  
Em toda a natureza  
Não vejo outra belleza  
Senão a ti... a ti!

## Ouvir

Divina—ai, sim será a voz que affina  
Saúdosa—na ramagem densa, umbrosa,  
Será; mas eu do rouxinol que trina  
Não oiço a melodia;  
Nem sinto outra harmonia  
Senão a ti... a ti!

## Cheirar

Respira—n'aura que entre as flores gyra  
Celeste—insenso de perfume agreste:  
Sei, não sinto. Minha alma não aspira  
Não percebe, não toma  
Senão o doce aroma  
Que vem de ti... de ti!

## Gostar

Formosos—são os pomos saborosos  
E' um mimo—de nectar o racimo;  
E eu tenho fome e sede... sequiosos,  
Famintos meus desejos  
Estão... mas é de beijos,  
E' só de ti... de ti!

## Palpar

Macia—deve a relva luzidia  
Do leito—ser por certo em que me deito.  
Mas quem ao pé de ti, quem poderia  
Sentir outras caricias  
Tocar n'outras delicias  
Senão a ti... a ti!

*Alfredo Jucá*



# GARRETT

Permitam-me uns breves e rapidos traços do grande poeta, que a Comedia Portugueza tem hoje a honra de commemorar, como um dos maiores vultos da litteratura portugueza. Garrett, é vergonha dizel-o, é hoje quasi um esquecido, ainda no meio fão abundante de poetastros óccos contemporaneos e de litteratelhos de refugio, eruidos na mediania d'um criterio soez, a grandes homens, a artistas geniães, a summos pontifices da prosa é do verso.

Mas o que é peor é que uma geração de decadentes, de invejosos cheios de ambição, de nullos cheios de propapia, ou de ignorantes impados da natural ousadia da ignorancia, os accceita e os aclama.

Neste meio medram e fructificam, creando-se um mundo especial, de elogio mutuo, arrastando na cauda fátua da sua orbita, os crenetes ingenuos, os despreveni-do, os simples.

Ninguém o desconhece: é o poeta fulano, o jornalista sicrano, o philosopho A, o pensador B, o pedagogista C, o romancista D... raça de ignorantes que esbarrou no primeiro anno das mathematicas ante o tenebroso enredo das operações com quebrados, ou baqueiou de impotencia ante a confecção d'um periodo latino com menos de seis tolices por linha!

Derivando na logica das consequencias para os domínios vedados ao codigo, arremeteram com a arte, onde explosiram grandiosos e pertencem-lhesos melhores proventos, dispõem de reputações, criticam de papo, alcançam glorias, sobem, trepam!

Todos lhes sabemos os nomes e se receiamos muitas vezes feril-os é porque o cardume é enorme e se não conseguem vencer na lueta com as ferroadas do despeito cançam pela quantidade, pela insistencia, pela audacia e é facil perder a paciencia inda que se não perca a razão!

A par d'isto ha um jornal que tem, ha seis mezes, aberta uma subscrição para uma estatua a Almeida Garrett e essa subscrição attingiu, em tres dias, a fabulosa somma em que parou, até hoje, de 51,500 réis. E' revoltante, ignominioso, inacreditavel!

A *Comedia Portugueza* protesta em nome do bom senso, da justiça, da dignidade e da altivez da critica, em nome da parte sensata e honesta dos homens de letras, contra essa ignorancia pretenciosa, contra esse pedantismo da mediocridade incensada, contra essa estupidez com fóros de valia armada de ingratições audazes, dedicando o numero presente, á memoria do grande litterato portuguez, grande entre os maiores, bravo soldado, politico consumado, poeta extraordinario, profundo erudito, dramaturgo eminente!

João Baptista de Almeida Garrett, nasceu no Porto a 4 de fevereiro de 1799: filho de Antonio Bernardo da Silva de Almeida Garrett e de D. Anna Augusta Leitão.

Falleceu em Lisboa na rua de Santa Izabel a 9 de Dezembro de 1854.

E' magnifica a lista das obras do grande poeta.

Em 1819, publicou a tragedia *Merope*.

Em 1820, o *Catão*.

Em 1823, o *Cambes*.

Em 1824, o *Cancioneiro*.

Em 1826, *D. Branca*; poema.

Em 1828, *Liricas de João Minimo*.

Em 1833, *O arco de Santa Anna*. Romance.

Em 1838, *Urris aucto de Gil Vicente*.

Em 1839, *A sobrinha do Marquês*.

Em 1841, *O atfageme de Santarem*.

Em 1844, *O Fr. Luiz de Souza*, o primeiro drama da scena portugueza.

Em 1851 *Folhas cahidas*, Lyricas.

Publicou ainda, não me reccorda as datas:

*A Adoinda. Viagens na Minha Terra*. Portugal na *Balança da Europa*. Um volume sobre a *Educação*. *O Retrato de Verniz*, com um estudo sobre a pintura portugueza.

Augmente-se na sua obra os seus magnificos discursos parlamentares e veja-se a grandeza do gigante que libertou a litteratura do classicismo atrophizador, que foi o grande revolucionario, o reformador, como poeta e como romancista, que creou o moderno theatro portuguez enriquecendo-o com o *Fr. Luiz de Souza*, essa obra que no dizer de Theophilo Braga é apenas o primor unico na istória de todas as litteraturas dramaticas conhecidas.

Que admira que Portugal concorra para a estatua d'este homem com 51,500 réis?

O contrario é que seria estranho! Garretts não nos faltam. E' ir ao Martinho e escolher a dedo. Ha-os por lá aos pares. E então nas redacções dos periodicos? e nas secretarias? «Como cogumellos... e crescem e apparecem» de chofre, como os supraditos em noite de orvalho!

Permittam-nos pois o preito á memoria do grande Garrett; quando mais não seja senão para provar-mos a algum estrangeiro que conheça o grande poeta que não ensandecemos de todo, nós todos que temos a gloria de fallar aquella deliciosa lingua em que elle fallou, e podemos apreciar as obras primas que nos ligou a sua penna d'ouro, tão rica tão maleavel, tão simples e tão genial.

Permittam-nos a franqueza e leiam-no como nós fizemos; temos a certeza de que lhe crescerá a gloria, bem que não augmente a subscrição para a estatua!

E depois os grandes artistas não precisam de estatuas: vivem no pantheon da sua obra, onde irá depor eternamente o coração de todo artista que allipenetrar as homenagens intimas dos sinceros affectos e das lagrimas agradecidas.

Tudo o mais é banal e inutil.



Todo aquelle que pela sua influencia immediata conseguiu modificar no sentido progressivo as fórmulas da actividade, da affectividade ou da intellectualidade humana, embora circumscripto a um determinado meio social, esse merece a classificação devida aos grandes homens. Almeida Garrett, vivendo em uma terrível época de transição do Regimen absoluto para o das Cartas constitucionaes em que os principios de organização catholico-feudal foram substituidos pelos argumentos dos ideologos, que pelas ficções do parlamentarismo tentaram conciliar o passado com a Revolução, esse espirito envolvido como todos os outros seus contemporaneos na anarchia das idéas, dos interesses e da politica, concentrou toda a sua vida moral no sentimento: modificou-se na idealisação artistica, e achou-se pelas creações da poesia exercendo uma acção positiva na transformação da sociedade portugueza na primeira metade do seculo XIX. É este o seu titulo á veneration.

Emquanto as novas instituições politicas se tornavam uma pedantocracia incoherente, sujeita a successivos e continuos abalos, em que os caracteres se dissolviam pela degradação ou pela impotencia moral, e em que o passado reaparecia ora na fórmula affrontosa do poder pessoal, ora na tentativa de retrogradação clerical, Garrett sentiu que no meio d'esse vórtice que decepava todas as energias, que devorava as mais preponderantes individualidades, a unica força que o salvaguardava era a do sentimento nacional, a que procurou dar expressão e universalidade na litteratura. Todos os corypheus do constitucionalismo em Portugal succubiram exhaustos ou desalentados, como Mousinho da Silveira, como Fernandes Thomaz, Borges Carneiro, Passos Manoel, Alexandre Herculano; a obra dos politicos foi falsificada pelas camarilhas, e á falta de uma idéa que desse ascendente moral aos homens como base da auctoridade, esta impoz-se pela força bruta dos espadões ou das intervenções armadas do estrangeiro pedidas pela dynastia.

Garrett, exercendo durante este longo periodo de agitação sem plano uma serena actividade artistica, suppriu pelas creações ideaes a falta de principios na sociedade portugueza; os themas tradicionaes que elle soube escolher com tanta oportunidade na evolução historica da nacionalidade foram um estimulo sympathico de convergencia para todos aquelles a quem as paixões politicas e as luctas de interesses desvairavam. É por isso que á medida que o tempo decorre sobre esta grande vida, o homem que soffreu os desastres da politica, as emigrações forçadas, os carceres, os assedios, e posteriormente os honras, os altos cargos officiaes e o prestígio do poder ministerial, de tudo isso que se esvae diante de uma cova ficou apenas o artista, que exerceu uma acção de... e cuja influencia persistirá por muito tempo.

Ligado ás tempestades sociaes de meio seculo, ora abatido, ora alevantado por ellas, Garrett nunca pôde esquecer o homem de letras; por esta coherencia da sua vida affectiva é que elle possuiu o dom de dar vida ao sentimento nacional, de lhe dar convergencia, e de crear a fórmula nova de uma litteratura em um povo quasi que posto fóra da corrente da civilisação. Glorificando o grande artista, seguimos o pensamento de Comte, que em um tempo em que não existem ainda verdadeiros principios, todas as individualidades que exercem um poder de qualquer ordem, sobretudo o ascendente moral, devem ser acatadas como condição do advento evolutivo de uma nova synthese social. Garrett teve a intuição d'este principio quando elle proprio cultivava a sua reputação litteraria, chamando para a pessoa os encomios que tinham de reflectir na sua obra. Este pequeno defeito revela-nos que tendo a plena consciencia do pensamento que prosequia, não tinha comtudo a certeza da efficacia do trabalho que dependia das emoções dos outros.

Todos os dados biographicos de Garrett, todas as datas memoraveis da sua vida não são mais do que o commentario luminoso da sua actividade litteraria. Nenhum livro seu, poema, drama ou romance poderá ser bem comprehendido sem a correlação do meio historico, politico e moral, quer da situação geral europeia, quer da sociedade portugueza onde elle foi o iniciador das fórmulas do sentimento moderno.

*Theophilo Braga.*



Invade os dominios da caturrice, paredes meias com a declamação, afirmar, com pruidos de originalidade, o que nas letras portuguezas foi o vulto primacial de Garrett. Tudo quanto na litteratura contemporanea se affirma entre nós libertado deve-lhe o sopro inspirador e libertador. A obra de Garrett não se circumscreve, perante a critica, á fundação do theatro; liberta dos canons classica a poesia, e inicia, pelo folhetim, a chronica moderna, tão livre, tão maleavel, tão assimiladora! Tiree o iniciador Garrett á litteratura nacional, e quedar-nos hertos em Francisco Manuel, muito embezzerrados, na admiração de Gil Vicente e do Judeu, alheios ao espirito novo; capazes porventura, de luctar ás cégas; inhabeis, sem duvida, para comprehender...

*Silva Pinto.*





**O VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT.**

*Cópia d'um Daguerreotypi de 1853 publicado em Janeiro de 1855.*

A semelhança d'este retrato com o illustre poeta em 1853 está confirmada por um documento authentico, archivado na Torre do Tombo

# ARTISTA



—Poeta—elle foi rei. Direitos de conquista quem foi que teve mais! Reinou como Senhor; teve a eloquencia, o mando, a inspiração e — artista de plectro foi, de si, das multidões, do amor.

Para elle a natureza era a materia informe, a belleza sem alma, ephemera, indecisa; a arte, — o fogo do ceo que agita o que ali dorme, o accorda, o retempera, o anima e o eterniza.

Mais que Pygmalção que olhava a fria estatuza, choroso de ver mudo e cego o seu portuato, omnimodo creador, — de bloco ou sombra fatua, elle era o artista, e o Deus que lhe insufflava o alento.

Dizem que ao cemiterio entre saudades corre não sei que triste afan de ti, — posteridade! — preterito — e porvir — são phases de quem morre! não tem noite ou manhã nem março — a eternidade.

Garrett nasceu para ella e n'ella, por conquista e por affecto, ergueu seu throno de senhor: se — poeta — seduz, desalumbra como artista que de plectro o é, de si, das multidões, do amor.

Thomas Ribeiro.



Garrett é, no consenso geral, reverenciado como o iniciador d'esse movimento que imprimiu uma actividade notavel e fecunda na nossa litteratura, ao findar o primeiro quartel d'este seculo.

Compete-lhe tanto mais essa gloria, quanto é certo que as influencias que sobre elle actuaram, e pretendiam dirigi-la na primeira idade, estavam muito longe de ser adequadas para impelli-lo no caminho do protesto contra um passado de somnambulismo fradesco e de apathia mental.

E' certo que os costumes de então, que nem os Navarros d'esse tempo poderiam achar *brandos*, expulsando-o do paiz só porque tinha talento e o mostrava, obrigando-o a ir banhar-se lá fóra no grande mar das idéas novas, que alagavam a Europa, e a librar a sua poderosa intuição artistica por horisontes de mais vasta mentalidade, contribuíram não pouco para alargar-lhe o folego, e para remontar por vezes a musa arcadica e *douceuse* de *Jomio Duriense* ás alturas épicas e geniaes, a que só chegam as aguias.

Mas ninguem de boa fé tiraria d'essa circumstancia feliz um argumento para amesquinhar o que havia de proprio, de fecundo, de creador, na compleição artista do auctor do *Frei Luiz de Sousa*.

Quer isto dizer que Almeida Garrett fosse uma d'essas individualidades másculas, de linhas severas e nítidas, vasada nos moldes em que a posteridade funde os bronzes dos Camões e dos Herculanos?

Ninguem se atreveria a affirmar-o, por mais legitimo que seja o culto pelo grande poeta. Com mais razão poderia affirmar quem observe com attenção, e separadamente, o homem e o escriptor, que o seu trabalho intellectual excedeu por vezes o esforço, que comportavam tanto a sua organização physica como a sua virtualidade moral.

Garrett foi tambem politico, infelizmente, e ministro.

A sua passagem pelo poder serviu-lhe para provar que era honesto, o que hoje se nos affigura um contrasenso; e a esse proposito convém lembrar um facto narrado pelo seu biographo, e que tem uma certa opporrtunidade.

Quando Garrett foi sacudido do poder um tanto cruelmente, a maledicencia pôz-se logo á procura da explicação do caso, e encontrou, entre outras coisas, o seguinte: — Que um brasileiro qualquer tinha dirigido ao ministro o pedido d'uma fita, acompanhado de 3:000\$000 réis, para serem distribuidos por estabelecimentos de beneficencia, e que o ministro comera o dinheiro.

A calumnia fóra propalada na presença de Rodrigo da Fonseca Magalhães, o grande amigo de Garrett, que de nenhum modo a repelliu.

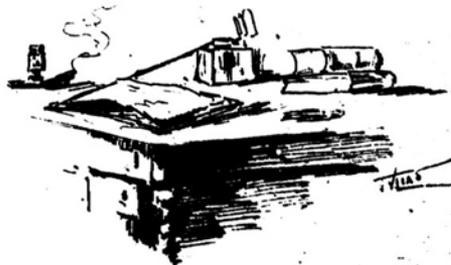
Garrett soube-o; e ficou afflicto, o ingenuo, com aquillo de que se ririam superiormente os nossos politicos de hoje. Não se limitou a descompor em qualquer jornal os calumniadores, e a obstar por todos os meios a, que se esclarecesse o caso.

Pelo contrario, correu ao ministerio e tantó rebuscou ali, que encontrou afinal os trez contos de réis, que estavam no banco de Portugal, onde elle os fizera depositar, não pensando mais em tal. Pediu uma certidão, e seguindo d'ali para casa de Rodrigo, atirou-lhe o documento á cara, cortando com elle todas as relações que não mais se restabeleceram.

Bem se vê que não existia ainda n'aquelle tempo a actual *brandura de costumes!*

A calumnia ainda feria os homens publicos; ou então era Garrett que — como elle disse algures — ainda não tinha chegado ao grau de *illustração* necessaria para não fazer caso de certas coisas.

Silva Lisboa.



## A GARRETT

Fragmento de uma poesia recitada no theatro normal, pelo actor João Anastacio Rosa, em a noite de 2 d'abril de 1864

O' genio, és immortal; só morre o vulgo  
Que em torno a ti vagueia,  
O que não sente a dardejir na fronte  
O rio de uma ideia.

Tu brilhas sempre, como a chamma antiga  
Da candida vestal;  
Tú diffundes clarões por todo o mundo...  
O' genio, és immortal!

Que importa a nuvem gelida, que ás vezes  
Nos tolda a luz do sol,  
Se na balsa virente sôa alegre  
A voz do rouxinol?

Que tem que a flor expire, quando o vento  
A fustiga sem dó?  
Que tem que as folhas solte e que descansa  
No seu leito de pó?

Não deixa o grato aroma que embalsama  
O prado, o monte, os ceus!  
Em perfumadas ondas vaporozas  
Não sôbe aos pés de Deus?...

Assim tu és; tu brilhas como a chamma  
De candida vestal;  
Não se apagam teus raios n'este mundo.  
O' genio; és immortal!

E. A. Lidal.



Goethe diz nas suas *Memorias* que um homem que tenha força de vontade sobre si mesmo não envelhece:

O nosso Almeida Garrett, a despeito da reacção sobre a propria vontade, envelhecia a olhos vistos, vingand' se por conseguinte nos cosmeticos e ingredientes com que suppunha obstar ás tropelias da natureza.

O maior vulto litterario d'este seculo — em Portugal, é claro — usava espartilho, cabelleira postica, barba postica, pés nos cabellos e não sabemos se braços posticos.

Fraquezas?

Talvez não! Se se fosse deixar a natureza ao seu cargo, talvez não tririam por esse mundo.

As metamorphoses a que se soccorria o auctor das *Folhas Caidas* na velha barra, darão lugar á seguinte anedocta:

Uma vez, Gastão Mesnier, um dos rapazes de talento e de grandes aptidões estheticas que Lisboa conheceu ha quinze annos, conversava com uma senhora a respeito dos escriptores portuguezes, quando naturalmente veio á collecção o grande nome de Garrett.

E a dama enthusiasmo-se de todo o ponto, o que prova a influencia profunda que o auctor das *Folhas Caidas* exerceu nos animos feminis...

Mesnier fingiu um pasmo lorpa, que naturalmente provocou um franzir de sobr'olhos á dama.

—V. Ex.ª está em erro, explicou Mesnier, para a tranquillisar.

Almeida Garrett é simplesmente um pseudonymo.

—Está caçoando commigo!

—De nenhum modo, minha senhora. Não ha duvida que existiu um sujeito que pintava os cabellos e a barba, que tinha barba e cabellos posticos, dentes posticos, nariz postico, cabeça postica e braços e pernas posticos. Esse sujeito servia apenas de manequin para os alfayates cabelleiros. O auctor que assignava Almeida Garrett, e que escreveu versos e prosa deliciosos, ainda ninguem conseguiu descobri-lo, e pode ser mesmo que se passem seculos sem se saber ao certo que especie de homem elle era!

E' claro que a dama, achou graça á *blague*—e quem não achava graça ao Gastão!—e riu de *bon coeur*.

Querem que lhes falle com franqueza?

Aquella fraqueza de Garrett—para alguns—chega a parecer-nos prova da sua immensa superioridade intellectual.

Para quem se metamorphoseava elle?

Para o bello sexo!

Ora, o que seria a mulher sem essa metamorphose que vai desde o pó d'arroz até ao vestido cortado pela thesoura insubstituivel de Worth?!

Garrett e as mulheres pagavam-se na mesma moeda.

Sal-Mouira.



Aos srs. assignantes que tentarem mudar de residencia pede-se o favor de o participarem a esta administração, a fim de não soffrirem interrupção na remessa do jornal.

Acha-se já á venda o primeiro anno da «Comedia Portugueza», encadernado em percalina, nas seguintes livrarias:

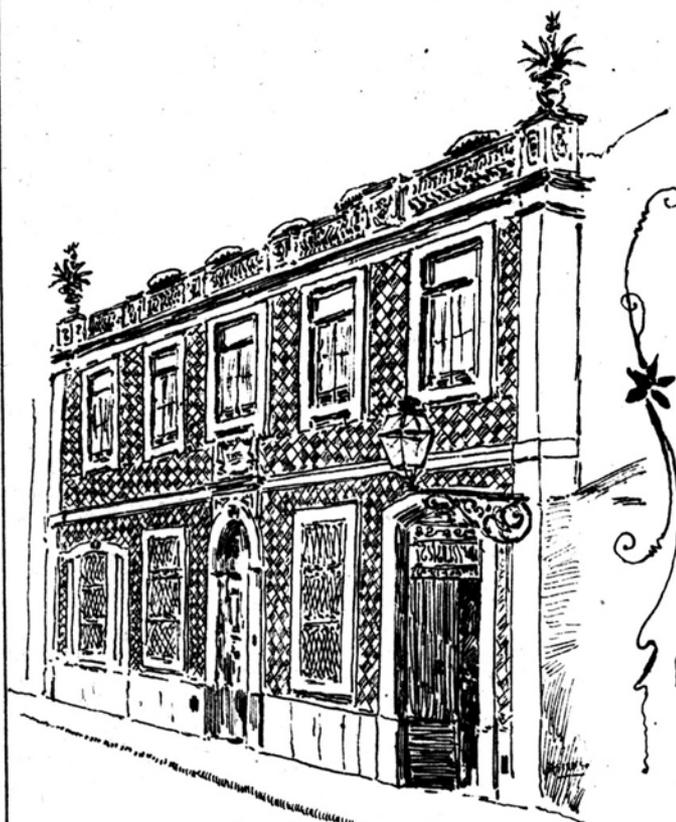
Bertrand, rua Garrett, 75.

Afra, rua do Ouro, 189.

Tavares Cardoso, largo do Carmo, 2 e 3.

Rodrigues, travessa de S. Nicolau, 118.

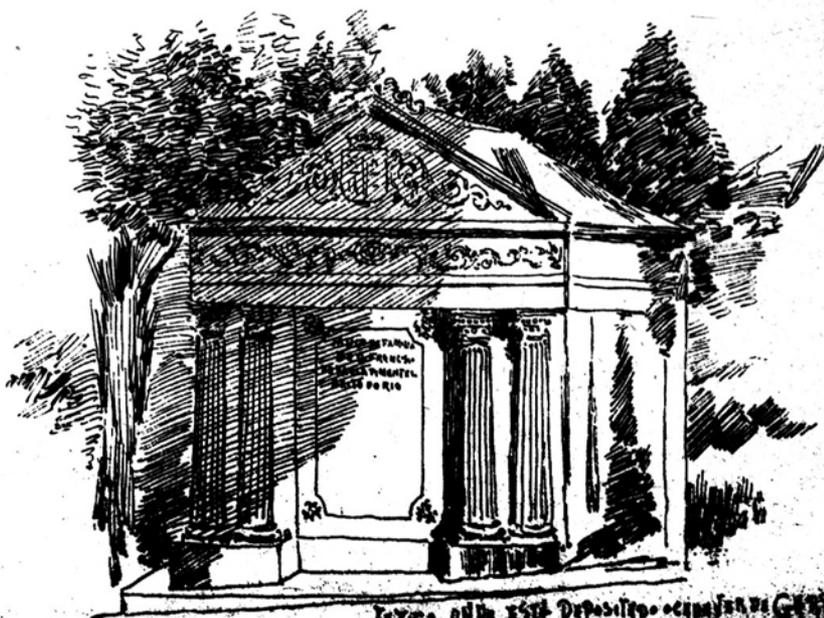
Wilder, rua do Ouro, 247.



CASA ONDE FALLECEU GARRETT.



PORTE PRINCIPAL DE CASA DE GARRETT.



JAZIGO ONDE ESTÁ DEPOSITADO O CORPO DE GARRETT.

## Real Academia de Amadores de Musica



Continuam os magnificos concertos na *Real Academia de Amadores de Musica*. N'estes tem um lugar de primeira ordem, pela brilhante execucao, a menina Elvira Peixoto; prestigiosa violinista, com cujo retrato se honra hoje a primeira pagina da *Comedia Portuguesa*.

Sempre promptos a consagrar ao talento os mais sinceros preitos, enviamos á gentil violinista a expressao do nosso applauso o mais caloroso.



## D. PEDRO DE ALCANTARA

A primeira vez que ouvi fallar d'este bom velho estava no collegio e lembra-me que foi a proposito de um dos seus vulgares e caracteristicos actos. Notificava um jornal

que o, então imperador, tinha ido ao logar da Vicencia á Praça da Figueira e se sentara a comer uma maçã raineta. Um imperador a comer, como qualquer marinheiro inglez des-

embarcado, á unha e a dente, a maçã de Collares, no meio da multidão embasbacada, lá me pareceu caso para rir a bandeiras despregadas, por suspeitas de calculada bonhomia, ou para o crivar com as settas (valha a verdade, inofensivas) da minha demagogia dos quinze annos, que descobria a hypocrisia e o calculo nos actos mais simples de todo aquelle que tivesse um throno para dormir a sesta. E o bom imperador passou para mim como um actor reles, armando á popularidade n'um logar do mercado europeu, dando-se ares de quem comia, lá pelos paços de S. Cristovam, com a mesma natural despreocupaçao do publico e da casca, a laranja da Bahia ou a banana do Rio.

D. Pedro vai por uns tempos a Coimbra. Entra na sala dos capellos com um fato de viagem, na occasião do encapellamento d'um bacharel. A universidade levanta-se indignada; os estudantes no seu despeito pela irreverencia committida para com a velha e rançosa matrona do nosso ensino, irreverencia praticada ante as dynastias portuguezas dependuradas pelas paredes, ante os brios da charamella, ante o bolór dos regulamentos pre-historicos, ante a magestade augusta da borla, pretendem desfeitear o imperador irrespeitoso, o sem cuidados maldoso, que ousava assim desacatar os velhos brios da universidade! Estudante, então, cheio do fogo louco dos grandes enthusiasmos, olhei esse tetrarcha de casaco curto e chapen desabado como um selvagem a quem era preciso correr a papelotes á porta terrea e cortar o cabello, a noitinha, como preludio d'um grau!

A caricatura d'então apoderou-se da individualidade do velho imperador e na volubilidade da conversa irreflectida dos poucos annos, debaixo d'aquelle enthusiasmo subito das impressões rapidas é não avaliadas, fez-se no meu espirito a crença de que o imperador do Brazil—com mágua o digo!—era uma personagem comica, um

imperador patusco, uma especie de imperador Bobache, correndo as côrtes para gaudio dos hypocondriacos, dos tristes.

Se reformei mais tarde a minha opinião, levado por mais valioso e sensato juizo, é certo que nunca tinha concedido ao velho imperador a minha franca sympathia e estava bem longe de imaginar que depois que lh'a consagrei, ella se tornaria em admiração sincera, por essa superioridade indiscutivel que é força reconhecer em D. Pedro d'Alcantara, o extraordinario character, o homem de mais elevado espirito que passeia a esta hora as ruas da cidade, n'um caro vulgar d'uma cocheira de alugueis.

Como imperador do Brazil pode resumir-se a sua obra na seguinte phrase: elle fez o Brazil.

Sahi sem odios: preguem os pessimistas a moral que quizerem; isto é um facto indiscutivel, confessado por um paiz inteiro e cujo corollario basta para cercar para sempre, na historia, o nome d'um homem, do respeito e do amor que é rasão tributar aos que passam e que foram o que de mais difficil é ser sobre a terra—honrado e bom!

O imperador do Brazil, direi melhor D. Pedro d'Alcantara, foi sempre, como hoje, pobre. Qualquer reisote não sahiria dos seus estados senão á custa do seu amado povo. Todos os povos para os reis são amados;—a inversa é que não é em geral verdadeira, infelizmente para os reis. Elles bem o pregam, mas nós é que vamos sempre achando que é Fr. Thomaz quem prega. Cá temos as nossas razões e D. Pedro d'Alcantara sahe do Brazil para correr a Europa a 1.ª vez. O presidente de conselho de ministros d'então fez-lhe votar no parlamento, sem que elle D. Pedro o saiba, umas centenas de contos para a viagem. Ao dar-lhe a nova, recebe como resposta:—não authorizei ninguem a pedir dinheiro ao paiz para as minhas viagens: rejeito a concessão. Pedi dinheiro na Inglaterra, já o tenho, muito obrigado!

Sahe pela 2.ª vez, doente, para tractar-se. Fazem-lhe a mesma surpresa, antepondo-lhe a razão accetavel de que não era por se divertir que sahia e que o paiz tinha o dever de velar pela saude do seu monarcha.

A resposta é equal.

Os banqueiros inglezes haviam-lhe recusado o dinheiro não lhe confiando na vida, o imperador accetara-o aos brazileiros compromettendo-se a filha ao pagamento, em caso de morte.

E a gente põe-se aqui a pensar como é possível que hoje, haja um imperador a quem se recuze dinheiro, um imperador pelintra, perante o credito ingles! Mas depois comprehende: O imperador é pobre. Ora francamente é preciso ser-se honrado a valer, para se ser pobre sendo-se imperador! Não acham os patricios, nós d'um paiz em que já não é licito ser ministro sem se ser milionario?

O imperador é intimado para sahir do Brazil.

Como se fosse apenas mudar de caza, ou mudar de casaco, acceita a intimação com uma tão natural facilidade que parece que elle entrava na conspiração contra o ministerio e lhe estava reservado o papel de desistir do throno, caso o throno tivesse de cahir no boléo dos ministros! E começa-se a comprehender que um homem que não liga importancia a uma corôa imperial que lhe arrancam da cabeça, não pode ligar mais importancia a um capello medieval que encaixam na cabeça de qualquer sujeito, deante dos reis emproados pelas paredes, aos sons rancorosos de uma charamella de botucaudos a roncar alegrias e respeito! Sim, já se percebe. Um capello nunca fez nem um sabio, nem um homem de talento. Ha mediocridades encapelladas (desculpam-me este verbo porque preciso d'elle) e não é, nem mesmo o olhar d'um imperador, que pode descortinar na caveira d'um candidato a quantidade de phosphoro que lá existe, ou a porção de banha de cheiro que a enche!

A ferida na pragmatica universitaria pode desculpar-se a quem viajava como estrangeiro no nosso paiz, com um simples Dom atraz do nome, tendo deixado no bahu dos objectos velhos de serviço quotidiano a corôa e o sceptro, o que francamente não é igual a deixar um guarda sol partido ou uns sapatos d'ourêllo, já coçados! Não acham?

(Conclue no proximo numero)



Diz o *Novidades*:

—Morreu repentinamente o sr. Ignacio Henriques de Carvalho, o inventor do granito de Evora.

A illustre redacção do *feroz trasmontano* está redondamente enganada. O inventor do granito de Evora, como do granito da Porcalhota, é Deus Nosso Senhor Todo Poderoso!

Salvo se a Biblia mente, o que não é provavel.

Lê-se no *Diario Popular*:

«O sr. José Joaquim da Costa recusa o logar de vogal da junta de parochia da freguezia de S. Jorge de Arroios». E' um caso grave, este!

Imagine-se que se converte em epidemia toda a gente recusar os logares para que é nomeada!

A's duas por tres não saberá o thesouro que fazer de tanto dinheiro, que se lhe accumulará no ventre!

A Providencia Divina permitta que tal catastrophe se não dê n'este paiz.

O *Reporter* noticiando um concurso aberto pelo Montepio Geral para uns logares de 300.000 réis annuaes, joga uma biscata ás exigencias medicas a que os candidatos foram submettidos:—inspecção rigorosa ás suas pessoas e analyse espiolhadora ás suas respectivas urinas.

Sabe pouco o *Reporter*. Depois d'essa analyse chimica haverá, segundo nos affiançaram sob palavra de honra, não menos minuciosa analyse ás materias feccas, e competente prova.

Ou a coisa está selecta, ou não. Se está, são admittidos os candidatos ao concurso; se não está... rual!

O commandante do *Alagôas*, navio que trouxe para a Europa o imperador do Brazil, arvorou uma bandeira que entendeu ser a da nova republica. A capitania do porto de Lisboa, mandou-l'h' arrear, em virtude de ter de ser considerado como navio pirata, porque é assim considerado todo aquelle que arvorar bandeira desconhecida.

E vae o commandante... arreiou-a!

Fica a gente a pensar porque demonio este commandante a-tinha içado?

Para receber uma licção de Direito Internacional? Para deslumbrar a gente com uma bandeira novinha, toda catita e metter-nos ferro com ella? Isto de mudar de bandeira, absolutamente, é impossivel. Imagine-se se não seria cuspir na historia inteira de Portugal o riscar amanhã da bandeira portuguesa—dada a hypothese da formação da Republica—as velhas quinas, que encheram de medo e de espanto o mundo inteiro!

Uma nação para glorificar o futuro não necessita renegar o passado.

Não o deve fazer nunca, quando esse passado é honrado como o do Brazil ou épicamente glorioso como o nosso.

Na corôa portuguesa eu substituiria a corôa que encima o escudo por um barrete phrigio, uma constellação de estrellas de numero igual ao das provincias, uma meza—symbolisando a do orçamento—partida, esmagando um bacharel, duas peras, uma talha de louca das Caldas azul e branca, emfim qualquer coisa que lembrasse uma característica do nosso paiz. Faça o novo Brazil o mesmo. Conserve a esphera, as côres e symbols da velha bandeira; tire-lhe a corôa e substitua-a por uma banana, um preto a dançar a cachucha, um papagaio pintado de cujo bico curvo saía esta inscripção:—Quem passa? é o sr. Quintino que vae para a caça,—emfim qualquer coisa que recorde o Brazil; mas não vá, accintosamente, condemnar no radicalismo das medidas, a existencia da bandeira gloriosa, sob cuja égide, diminuíram durante seculos, as tangas e cresceram as rabonas de cazimira. Eu tenho que uma bandeira é como a physionomia moral d'uma nação. As tres côres da bandeira franceza são hoje uma idéa, um principio, uma affirmação philosophica. A bandeira ingleza, com os seus leopardos, não significará a manha sanguinaria, a traição?

Deixem pois a esphera armillar e as côres verde e amarella. Expôrão muito bem a edêa:—o Brazil é uma terra aberta a todos: o verde representará as florestas colossaes e o amarelo a côr das libras, que por lá abundam de mistura com as febres da mesma côr.

Uma bandeira com côr local. Nem de proposito. Ahi fica o conselho, sabido d'uma philosophia profunda. Dou-o de graça a infantil republica não se vá dizer de futuro que eu não concorri para a consolidar. Cada qual nas suas posses.

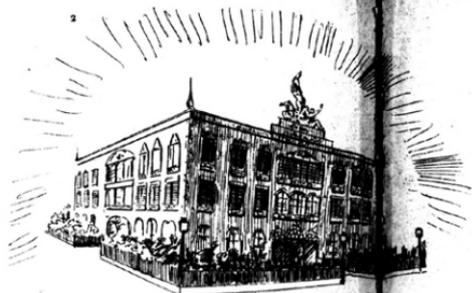
No Maranhão a proclamação da nova republica causou serios conflictos. Diz a *Tarde* que:—«os soldados dispararam para o ar, matando seis pessoas e ferindo varias. Tambem morreram seis soldados».

Não admira; naturalmente foram aquelles sobre que cahiram as seis pessoas mortas, no ar!

Se não fosse do Maranhão a noticia, lá tinham de ir alguns sabios examinar, porque necessidades de adaptacão, os maranhenses tinham creado azas! E' do Maranhão a noticia e assim só não revela um facto delicioso como estudo do exercicio:—a superioridade das pontarias!

O jornal *Novidades* em seu «carnet mondain»: Está incommodado com febre, mas sem gravidade, o nosso amigo, Carlos Lobo d'Avila.

Para que demonio anda este periodico a assustar a Europa? Forte mania.





O imperador do Brazil, ha pouco desthronado por um verdadeiro hamburrio commettido pelo sr. Deodoro da Fonseca, que jogava a carambolar com o sr. Ladio e, sem querer foi carambolar com o sr. D. Pedro, o imperador do Brazil, diziamos, continua em Lisboa a sua viagem de *touriste*. Em vez de ir chorar sobre um rochedo, n'alguma ilha deserta, o seu exilio, contando ás brisas fagueiras as suas maguas, este sympathico monarcha passeia a sua aposentação, alegremente, subindo aos pontos mais altos a vêr os panoramas e indo ao jardim zoologico para matar saudades... Sem batedores agaloados nem cortejos reluzentes, pacatô e satisfeito, o velho imperador parece importar se muito menos com a perda do seu emprego, do que qualquer regedor de freguezia exonerado em vespéras de eleições.

Deixar com uma tal abnegação um throno com docei de velludo e arrebiques de ouro, guardar na gaveta das camisas de seu manto de arminho e na sua chapelieira a sua corôa preciosa, abandonar a sua moradia confortavel, as suas equipagens a quatro, alabardeiros e abaramellas, generaes e almirantes, sem verter uma lagrima, nem fazer uma careta de mau genio, faz-nos suppôr que o logar não era tão appetoso e seductor, como muita gente suppõe...

O assalto dos *reporters* foi terrivel. D'aquem e além mar enviaram á sua chegada *reporters* de todos os feitos, de todas as côres e de todas as nações, sabiamente practicos em estabelecer *interviews*, a fim de fazerem conhecer ao mundo inteiro se o desthronado ia ter, para com a patria que deixára uma attitude hostile, descobrirem o seu plano de campanha, saberem, ao certo, qual o manifesto que elle havia traçado com a sua mão tremula ao entrar para o *Alagôas*, ao encerrar-se no seu beliche na primeira noite, onde ia dormir o seu primeiro somno de vencido da vida...

E o desapontamento foi cruel. Detalhes da viagem apenas conseguiram saber que nas alturas de S. Vicente o pagamento do sr. conde d'Eu se havia constipado e, apesar da insistencia com que todos os jornalistas a cada hora batião no ferrolho do seu quarto no Braganza, não adeantaram mais do que obter para os seus despachos telegraphicos e para as suas chronicas de *reportage*, que ao almoço sua magestade comera dois ovos estrellados e, como homenagem saudosa á patria que elle tanto amára, não dispensava a farinha de pau no caldo do peixe e á sobrezeza uma banana e uma fatia de ananaz.

De balde as folhas estrangeiras perguntaram aos seus representantes informações sobre a attitude do imperador diante da catastrophe que Deodoro & C. haviam promovido; debalde procuraram relatar aos seus milhares de leitores quaes as intenções politicas do exilado, se no seu espirito pairavam ideias de revolta, de luta pela monarchia, de conquista do poder. Os *reporters* limitavam as suas respostas:

—Comeu hoje carneiro com bätatas...

Sua magestade manifestou-se? interrogavam raivosos.

—Achou delicioso e serviu-se segunda vez, telegraphavam dando conta da sua missão.

Era um dô d'alma ver por essas ruas, cabisbaixos e empallididos, os *reporters* mais apregoados que, quando muito, haviam feito conhecer aos seus assignantes que sua magestade tinhaimuita vontade em ouvir a *Tetrazzini* no *Othello*, o sr. Vasconcellos e Abreu n'um poema sanscrito, e que a respeito do tal fallado manifesto o imperador havia parodiado a phrase da celebre tragedia de Shakspeare: palavras, palavras, palavras...

Na teimosia e bisbilhotice da sua profissão alguns foram surpreendidos pelos corredores do Braganza, de ouvido á escuta junto das fechaduras, para surpreenderem o desejado manifesto, ainda que elle fosse feito em familia, entre lenções, antes da sucéga. Porque elle hade sair, custe o que custar, á força de sacarolhas ou de vomitorio.

Ha algumas noites o guarda nocturno da rua do Theouro Velho viu no pateo do hotel um grupo de embuçados e, ao mesmo tempo, d'entre as vidraças do Braganza sair uma figura esguia e aloirada, que elle reconheceu ser a d'um *reporter* inglez. Vinha pallido. Ouviste? bradaram-lhe os confrades. Ouvi, respondeu com voz de conspirador o recém chegado. O que? exclamaram todos.

E correram todos ao telegrapho, certos de que o monarcha queimára o seu ultimo cartucho.

E o imperador dorme, tranquillamente, o seu somno de desterrado. Feliz no seu despertar elle só pede a Deus e ao Motta Maia que lhe dê saude, para poder gozar um pouco esta Europa, ir de vez em quando a Paris ver como o sr. Carnot se aguenta no balanço e como a Goulue ainda dança o cancan. Não será isso muito melkor, contando com as massadas que na sua qualidade de sabio, elle tem de supportar dos *immortals*, do que findar os seus dias ouvindo cantar o sabião, e apanhando as descomponendas do *Bocayuva*?...

Entretanto ao mesmo tempo que um imperador cõe, um novo rei se levanta. D. Carlos primeiro vai ser aclamado. Quando uma velhice acaba de ser aposentada com o vencimento por inteiro, uma mocidade é promovida de principe a rei. Deve estar contente, tristezas á parte, da sua nova posição... Afinal cada um na carreira que segue, o que deseja é passar da cepa torta... Brinca-lhe nos labios um sorriso de alegria... E' o mesmo sorriso que brinca nos labios de qualquer deputado que é feito ministro, de qualquer amanuense que é nomeado segundo official, de qualquer sargento que é promovido a alferes...

Por isso me dizia ha dias um incolor de aspecto venerano; se cada um está contente com a sua sorte, se um se sente feliz em ter sido reformado e o outro em ter sido promovido... parabens a ambos.

Dix bem seu Soares...

C. de Moura Cabral



# Theatros

## Meninas Rodrigues e Bibliothecario

Tem fama de despertar a boa gargalhada o Gymnasio dramático. E já d'aqui, d'espe nome, agente se fica a meditar porque lh'o pozeram, ou porque uma vez posto lh'o conservam adaptando apenas—o theatro—á comédia patusca, reinadia, sem pés nem cabeça, feita de tolices sem nexo e de enredos sem senso! Mas emfim elle lá está e a ningum illude porque toda a gente sabe que o Gymnasio é tão dramático nas suas exhibiçoes, como o José Augusto nos sermões do Carnaval. Aquelle dramático quer dizer hilariante, chalaceadour, reinadio, desengonçado e nunca triste, suggestivo de prantos ou de choros pungentes.

Ao revez, o theatro de D. Maria é classicamente reconhecido com o sanctuario da lagrima, o templo da dôr humana, exhibida a oito tostões por cabeça, em cambras de ferroadas intimas ou reviramentos d'olhos symptomaticos de profundas punhaladas na alma.

Ora deu-se por agora o caso de se inverterem os papeis: isto é, uma pessoa vai para o Gymnasio para rir com as *Meninas Rodrigues* e sae de lá a chorar.

E' um drama, aquella comedia. Um drama pungente. Vê-se através d'aquelles tres actos inclassificaveis um cerebro ôcco de auctor, á busca d'uma ideia, d'uma situação comica, d'um momento de graça. E jámais o consegue! e n'aquelle diluvio de sensaboria, perpassam as figuras dos actores a espremer os papeis a puxar a situação, a arremeter com a gelada plateia em impetos bravios... e nada! Nada! palavra terrivel que fez lembrar a terra fixa da cova, a miseria das coisas humanas e pucha á lagrima, a lagrima salvadora que nos allivia o coração nas grandes dôres e nas grandes massadas!

E sae-se do Gymnasio a chorar!

E' n'esta impressão que o espectador monólôga: ir lá para chorar então vou para D. Maria, porque ao menos quero chorar com razão que me console... e vai ver o *Bibliothecario*.

Ora o *Bibliothecario* deve ser proximo parente das *Meninas Rodrigues*. Qualquer pessoa pouco entendida em questões theatraes lhe daria, sem custo, facil irmandade, tal é a afinidade de caracteres que os liga e enaltece. A respeito de interesse está a hombrear com o que tem dado aos seus accionistas a Companhia das Aguas.

Em ôitos de espirito é d'uma profusão tal que é impossivel destacar um só, d'aquella alluvião immensa. São tantos, de tal quilate e profusão que acontece ao espectador depois de ouvir toda a comedia, parecer-lhe que só ouviu banalidades insensas! Compreende-se é a abundancia que desvirtua e embatace, o producto.

Mas é que francamente n'uma comedia de quatro actos não haver um dito de espirito chega a incomodar! Digamos porem que ha na comedia uma espirituosa frase mas que só em Londres deveria ter produzido um grande effeito. E' aquella que o pai diz á filha:

E' este o sentido: — assim amanhã quererás ir á Persia, á Arabia, ao Cairo, a Malta, a Nazaretto, ao Egypto! Cá não tem lá muita graça; mas em Londres devia ter produzido um grande effeito! Calcule-se!

Francamente, a critica deve ter um limite de indulgencia e esse limite acaba onde começa a benignidade crimonosa. O *Bibliothecario* é uma comedia sem valor de nenhuma espécie. Sem vida, sem acção, sem graça, sem fim, sem requisito que lhe dê entrada no theatro de D. Maria.



Faz rir, dizem e o publico vai lá. Pois é o grande mal. Se o publico lá não fosse pouco importava que a levassem á scena; seria um prejuizo apenas. Mas o publico vai e continua a bestialisar-se n'aquella assimilação de uma litteratura dramática de meia tigella, idiota, que o faz rir por situações pueris, em que o esgare, o grito, a palhaçada na scena, substitue a suggestão fioamente educadora da graça, da critica alegre e sensata, educativa, util, moralisadora.

Não é para aquella arte que se fez o theatro de D. Maria e se o publico, na sua ignorancia de maioria, nas suas faculdades deficientes de escolha se deixa arrastar pela chalaça vulgar e pelo calão, se na sua pobrissima educação artistica acceita com a mesma ingenuidade lamentavel uma comedia de Paileron ou um *Bibliothecario*, compete á imprensa avisal-o, prevenil-o, ensinar-lhe o que seja uma comedia ou uma geringonça scenica, o que seja arte ou o que seja faucaria artistica. Depois uma comedia d'aquella ordem n'outro theatro não tem responsabilidade porque não se impõe. Vista no Gymnasio dir-se-ha: é uma patuscada reinadia como todos os diabos. Vista em D. Maria um espirito pouco fino acceita-a como comedi-a é isto pelo grande nome scenico dos actores. Uma tolice dita a serio por um homem distincto chega a parecer uma maxima sublime. A maioria despreoccupada engole-a e applaude-a. Eis o mal. O *Bibliothecario* não foi pateado na 1.ª noite por que era desempenhado pelos nossos primeiros actores. Foi uma coacção exercida sobre a plateia. No entanto teria sido um bem incalculavel essa pateiada que ainda começou: teria feito fugir d'aquelle palco todos os comedias fundadas em episodios comicos mais ou menos forçados, em situações primitivas da arte inadmissiveis hoje n'um theatro de 1.ª ordem, onde se exige, estudo; critica, emfim, talento. E' preciso não deixar envilecer esta palavra tão syntheticamente expressiva — a Comedia—desde que Balzac a consagrou na sua obra de colosso e desde que ella cunha as capas das obras theatraes de Sardou, de Dumas, de Saudeau, de Sand, como um motivo grandioso, difficil, immenso do estudo social e humano.

Quando se vê n'uma capital d'um restricto mesmo de habitantes sustentar se em scena um disparate opiado, magico—sensaborão incontestavel, sem recommendação alguma, nem pelo desempenho, nem pelo canto, nem pela graça, nem pelo vestuario, nem pela plastica das fêmeas, como é *O Gato Preto* eu pergunto se não é licito lamentar um povo que apresenta um tão frizante attestado da sua educação artistica e do seu criterio. Ninguém o negará. O nivel intellectual retracta-se n'este facto com uma tristeza e desoladora verdade.

Que faz a imprensa? Transige. Esta transigencia é como se vê um crime, porque atrophia, porque corrompe o gosto porque embrutece.

Tenhamos á coragem das nossas opinões francas. E quando nos impingirem *Um Bibliothecario* em D. Maria II ou uma *Menina Rodrigues* no Gymnasio, façamos que se deem os braços e mandemol os... passeiar.

Mas sem reduço. A arte exige-o e depois ainda o nosso decôr de criticos que nos obriga a não passar-mos por tolo ou por servil. A verdade que se devia ter dito era: *O Bibliothecario* é uma palhaçada de fantoches em 4 actos. As *Meninas Rodrigues* em sensaboria pezada em 3 actos. Quem gostar pode comprar o seu bilhete. Sua alma sua palma.

M. M.

